

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO E SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA APRESENTAM:

Poesia
P R E T A

POETAS NEGROS
DA ZONA OESTE

Organização

Ingrid Nascimento, Thiago Mathias, Sérgio Alves



Copyright © 2022 por Editora Ascensão

POESIA PRETA - POETAS NEGROS DA ZONA OESTE 2022 ©
INGRID NASCIMENTO, THIAGO MATHIAS, SÉRGIO ALVES
1ª EDIÇÃO - RIO DE JANEIRO

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução ou transmissão de qualquer parte deste livro sem prévia autorização escrita pela editora.

Produção Editorial: Editora Ascensão

Editor Chefe: Fabio Viccent

Projeto Gráfico: Fabio Viccent

Capa: Felipe Pinheiro

Diagramação: Ecos Serviços Editoriais

Revisão: Thiago Passos Mathias Pereira e Clarissa Tagliari Santos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE (CIP)

NASCIMENTO, Ingrid,
MATHIAS, Thiago,
ALVES, Sérgio.

Poesia Preta - Poetas Negros da Zona Oeste / Ingrid Nascimento,
Thiago Mathias, Sérgio Alvez. – Rio de Janeiro: Ascensão, 2022.

96p, il.; 14 X 21 cm

ISBN: 978-65-80822-35-5

1. Poesia. 2. Literatura brasileira. 3. Poesia . I. Título.

CDD: 869.3



Editora Ascensão
ascensaoeditora@gmail.com

Poesia
P R E T A

POETAS NEGROS
DA ZONA OESTE

Rio de Janeiro/RJ
2022



Dedicatória

Dedicamos este livro à **Talita Marques Marcelino**, nossa eterna afrominimalista, que ajudou a fundar o Coletivo Negro Waldir Onofre. Que sua alegria e beleza faça o Orum bailar jazz.



Pensando na democratização do acesso à obra e inclusão de PCD's, criamos um conteúdo exclusivo no Spotify, nas vozes dos próprios poetas do livro.

- 1. Abra o Spotify**
- 2. Clique em buscar**
- 3. Digite:**
Poesia Preta – Poetas Negros da Zona Oeste

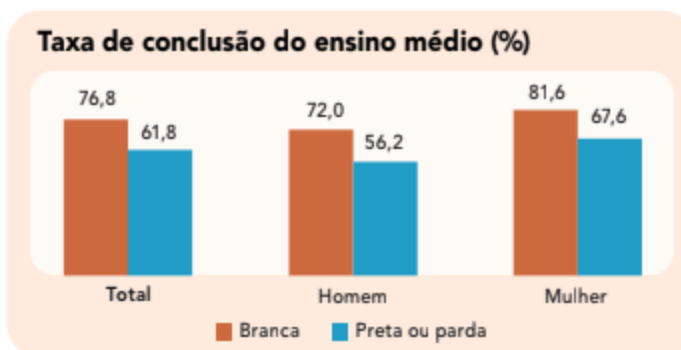


**Coletivo Negro Waldir Onofre:
direito à educação decolonial na periferia
Por Ingrid Nascimento**

1. Os vestígios de colonialidade na educação

A Lei 10.639 de 2003, estabelece a obrigatoriedade nas redes de ensino da temática da História e Cultura Afro-brasileira, uma conquista proporcionada pela luta dos movimentos negros. A partir da Lei 11.645/2008, a abordagem das culturas indígenas nos estabelecimentos de ensino médio e fundamental também foi contemplada. Como consequência destas mudanças curriculares, as universidades começaram a adaptar suas grades acadêmicas com cursos direcionados às questões étnico-raciais. Contudo, mesmo com as leis em vigor, as escolas continuam com um viés predominantemente “reprodutivista” e “bancário” no educar. A ancestralidade africana e indígena ainda não são contempladas de forma ampla e aprofundada no processo pedagógico.

Segundo o IBGE (2019), com o avanço das políticas públicas, os indicadores educacionais da população preta e parda entre 2016 e 2018 apresentou melhora, porém, a desvantagem em relação aos brancos ainda é evidente. Os índices sobre abandono escolar em relação os negros e negras são gritantes no ensino médio. Na pesquisa feita no dossiê “Desigualdades por cor e raça no Brasil”, a taxa de conclusão do ensino médio é de 61,8% para negros (pretos e pardos) e 76,8% para brancos:



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018.

Nota: Pessoas de 20 a 22 anos de idade.

As desigualdades sociais - estabelecidas pelos vestígios da escravidão no Brasil - são apenas um dos fatores que englobam o abandono escolar. No artigo da revista *Gelêdes* “O que afasta crianças e adolescentes negros da escola” (2014), a jornalista Juliana Gonçalves, representante do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), afirma que, apesar da pobreza e da violência criarem um cenário propício para o abandono escolar, esses aspectos não foram os mais citados pelos estudantes como o motivo para deixarem de frequentar a escola. A falta de interesse na escola foi o marcador com 40% das afirmações dos estudantes. Dessa forma, considera-se que o índice de evasão escolar pode ser explicado também pela falta de estímulo do sistema educativo que não contempla a cultura e a identidade dos jovens negros.

A colonialidade interfere diretamente no saber ao negar a humanidade e a epistemologia dos indígenas e negros. A continuidade das concepções eurocêntricas nas lógicas econômicas, políticas e cognitivas, da existência, da relação com a natureza foram forjadas no período colonial - como afirma Grosfoguel no artigo “Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico” (2018).

A modernidade/colonialidade silenciou as diversas formas de conhecimento trazidas fora do eixo “europeu de



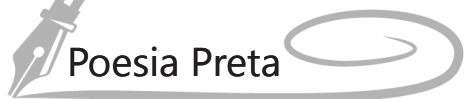
viver”. A libertação das narrativas marginalizadas pode ser feita através do reconhecimento das epistemes decoloniais e emancipadoras, como é colocado no artigo “Pedagogia Decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil”, por Luiz Fernandes de Oliveira:

A questão central num projeto de emancipação epistêmica é a coexistência de diferentes epistemes ou formas de produção de conhecimento entre intelectuais, tanto na academia, quanto nos movimentos sociais, colocando em evidência a questão da geopolítica do conhecimento (...) entende-se geopolítica do conhecimento como a estratégia da modernidade europeia que afirmou suas teorias, seus conhecimentos e seus paradigmas como verdades universais e invisibilizou e silenciou os sujeitos que produzem conhecimentos “outros”. Foi esse o processo que constituiu a modernidade que não pode ser entendida sem se tomar em conta os nexos com a herança colonial e as diferenças étnicas que o poder moderno/colonial produziu. (OLIVEIRA, 2010, p 23)

Levando em conta que a colonização no âmbito do saber é produto de um longo processo de colonialidade, precisamos estabelecer mecanismos para uma educação decolonial que inclua, efetivamente, a população negra e periférica, valorizando seus conhecimentos e vivências.

2. Poesia Preta - Poetas negros(as) da Zona Oeste: culturas periféricas no ensino decolonial.

A cultura e as propostas feitas pelos movimentos negros da cidade do Rio de Janeiro podem ser uma forma de incentivar a identificação da juventude preta com o “ensi-



no”, principalmente para a manutenção desses jovens no espaço escolar. Ao longo da história, podemos ver os movimentos negros como propagadores dos saberes construídos contra o racismo epistemológico. Não é em vão que Nilma Lino Gomes (2020) afirma que o “Movimento negro é um educador”, através destes movimentos tivemos avanços na construção de políticas públicas que combateram a educação bancária e a defesa da equidade racial nas instituições de ensino.

Como um exemplo de incentivador da educação antirracista temos o Teatro Experimental do Negro (TEN), que nasceu em 1944 e foi idealizado por Abdias Nascimento. Segundo Nilma Lino Gomes, o TEN alfabetizava seus primeiros participantes recrutados entre operários, empregados domésticos e favelados sem profissão definida. O objetivo era contestar a discriminação racial, formando atores e dramaturgos resgatando as heranças africanas. Este Movimento teve impacto nas reivindicações pelo acesso à educação para a população negra:

O TEN também publicou o jornal Quilombo (1948-1950), que apresentava em todos os números a declaração do “Nosso Programa”. A reivindicação do ensino gratuito para todas as crianças brasileiras, a admissão subvencionada de estudantes negros nas instituições do ensino secundário e universitário (...), o combate nas medidas culturais e de ensino e o esclarecimento da imagem positiva do negro ao longo da história eram pontos importantes dessa organização. (GOMES, 2020, p. 31).

O TEN é uma referência de instituição que mostrou a possibilidade de atuar como pedagogia antirracista, levando em conta as vivências e narrativas da população negra. É evidente que os abismos na educação perpassam décadas com a colonialidade, entretanto, os educadores podem aprender

com as lutas dos movimentos negros que continuam se repaginando com a cultura para denunciar os problemas do racismo estrutural nas periferias.

Desde os primeiros anos do século XX, a política urbana do Rio de Janeiro se pautou em segregar a população negra das zonas centrais cariocas. Inicialmente, com o discurso da *Belle Époque*¹ e a *reforma urbana calcada no ideal eurocentrado de “modernidade”*. Os processos de resistência dos atores culturais do movimento negro periférico, como o TEN, continuam no século XXI atravessando anos e se resignificando de acordo com as demandas estabelecidas pela contemporaneidade.

O presente livro se constitui enquanto uma proposta de resistência que parta da poesia negra periférica. E como pensarmos em uma pedagogia decolonial que oriente o processo educativo? Tendo em vista que cada território tem a sua especificidade, principalmente, quando falamos sobre regiões periféricas da cidade do Rio de Janeiro, apresentaremos, a seguir, alguns aspectos característicos da Zona Oeste

2.1. Zona Oeste Carioca: segregação socioespacial e (r)existência.

Para planejarmos ações concretas decoloniais, é preciso direcionar as pesquisas de acordo com o recorte periférico e pensarmos como foi o processo de construção da cidade, os obstáculos da população negra em seus territórios de pertencimento. O geógrafo Andreilino Campos, na introdução do seu livro “Do Quilombo à Favela” (2012), afirma que o planejamento e direcionamento da economia e política na cidade não privilegia as classes denominadas de “minorias”:

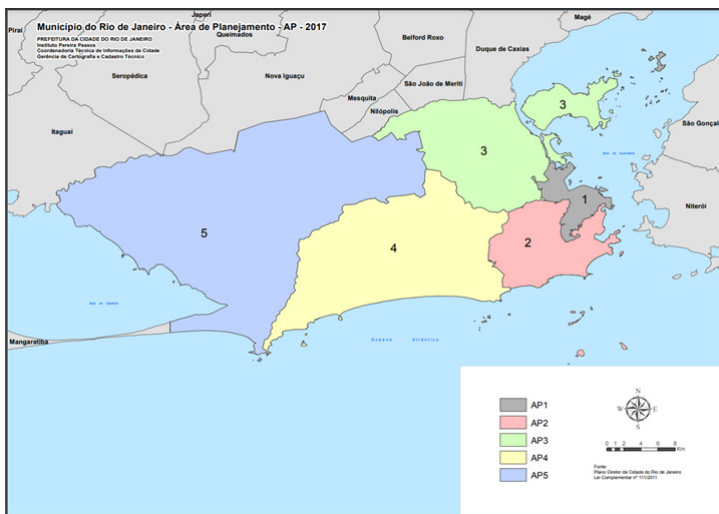
O processo de construção espacial da cidade, em geral, não vem, ao longo da história, contemplando os grupos deno-

1 Neste período a população negra foi expulsa das áreas centrais com o “bota-abaiixo” para a construção de avenidas amplas, baseadas no modelo de cidade francesa.

minados “minorias”. O fazer a cidade pertence aos socialmente mais representativos, que participam do processo como sujeitos históricos, enquanto aos demais resta acompanhá-los como massa sem nenhuma determinação, seja qual for a instância analisada: política, econômica, ou, social. (CAMPOS, 2012, p.19).

É possível pensar a segregação socioespacial a partir das Áreas de Planejamento (AP) do Rio de Janeiro. A prefeitura municipal divide a cidade em cinco AP's (Figura 1) buscando encaminhamentos para políticas públicas, como: escolas, clínicas da família, ou até mesmo áreas de bem-viver, como praças e lonas culturais. Geograficamente temos a divisão entre: Centro, Zona Sul, Zona Norte e Zona Oeste.

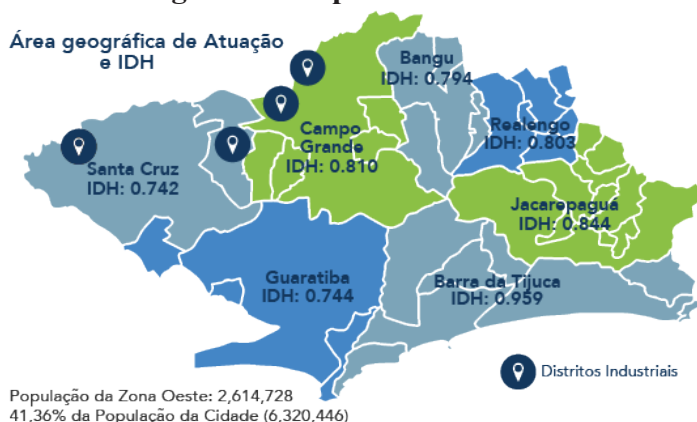
Figura 1- Divisão do município do Rio de Janeiro por Áreas de Planejamento



Fonte: Instituto Pereira Passos - Data Rio. Disponível em <https://www.data.rio/documents/7a609089e2254154a1c154c198671782/explore>

Levando em conta alguns dados, percebe-se que a divisão das políticas públicas é desproporcional para regiões periféricas. Segundo o site do Instituto Rio, a Zona Oeste (Figura 2) - AP4 e AP5 - concentra 41% do total de habitantes do município e é a região com menor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), marcada por diversas desigualdades sociais, analisado pelo Censo de População de 2010.

Figura 2 - Mapa da Zona Oeste



Fonte: http://www.institutorio.org.br/sobre_a_zona_oeste

No Censo (2010), que faz um recorte racial, a AP5 possuía 1.704.773 de habitantes e, deste total, 228.722 se consideravam pessoas pretas e 790.222 pardas, totalizando 59,77% de pardos e pretos nesta região. Na área da educação, de um total de 325.840 pessoas analfabetas recensadas pelo Censo Demográfico 2010 no município do Rio de Janeiro, cerca de 32% estavam concentradas na Área de Planejamento 5 (MOREIRA, 2015).

Entende-se, então, que a exclusão da Zona Oeste do Rio de Janeiro das políticas públicas destinadas às áreas centrais, pode ter relação com as questões raciais diretamente ligada à colonialidade e à segregação socioespacial.

2.2. Coletivo negro e periférico: a luta pelo direito à educação decolonial

As mobilizações coletivas e periféricas surgem da facilidade no acesso - sem burocracias - e pela identificação com as pautas territoriais. Os problemas que atingem à juventude negra podem levar as construções coletivas, como afirma Edivan de Oliveira Fulgencio na dissertação de mestrado “Mobilizações coletivas de Campo Grande, RJ, do direito à cidade à utopia anticapitalista global” (2020):

Os jovens, estudantes, as periferias e os negros são setores atraídos para as mobilizações pela facilidade de acesso, sem burocracia de filiações, sem necessidade de comprovações identitárias. As pessoas aderem às causas por identificação ideológica, solidariedade a uma causa (ou várias). Ocorre uma aproximação natural de sentimentos e desejos de ação e transformação, unindo e mobilizando coletivamente indivíduos em arranjos associativos diferentes e renovadores das formas de organização popular tradicionais. (FULGENCIO, 2020, p.67)

Os movimentos negros periféricos podem ser aliados na inserção da pedagogia decolonial e na luta pelo direito à cidade. Utilizaremos como exemplo o nosso Coletivo Negro Waldir Onofre, idealizador deste livro *Poesia Preta: Poetas Negros(as) da Zona Oeste*.

O Coletivo Negro Waldir Onofre é um movimento que nasceu em 2016, a partir de um grupo de estudantes do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Fundação Unificada Campograndense (FEUC), localizada no Bairro de Campo Grande. Neste momento inicial, o objetivo do coletivo se voltava para pautar questões etnico-raciais no ensino superior e questionar a falta de visibilidade dos personagens negros na grade curricular da licenciatura em História da ins-

tituição. O Coletivo impacta e marca território pelo próprio nome, Waldir Onofre foi ator e cineasta negro - morador de Campo Grande - que faleceu em 2015 sem merecido reconhecimento (FULGENCIO, 2020).

Mais recentemente, as ações do Coletivo Negro Waldir Onofre se expandiram. Em 2021, o movimento monta o projeto “Poesia Preta: Poetas Negros(as) da Zona Oeste” - contemplado pelo Fomento à Cultura Carioca (FOCA) da Secretaria Municipal de Cultura (SMC) - com o objetivo de confeccionar este livro com 60 poesias feitas por poetas negros (as) da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Deste livro, irão ser feitos 250 exemplares para a distribuição em escolas públicas da Zona Oeste do Rio de Janeiro e instituições que tenham a educação como o principal eixo. Houve um processo seletivo para a escolha dos poetas divulgado nas redes sociais de coletivos parceiros, em núcleos partidários e dos movimentos sociais (Figura 3).

Figura 3 - Inscrições do Poesia Preta: Poetas Negros(as) da Zona Oeste



Fonte: Blog Saravá Cultural. Disponível: <https://saravaculturalptrj.blog/2022/03/25/inscricoes-abertas-para-poesia-preta-poetas-negros-da-zona-oeste/>

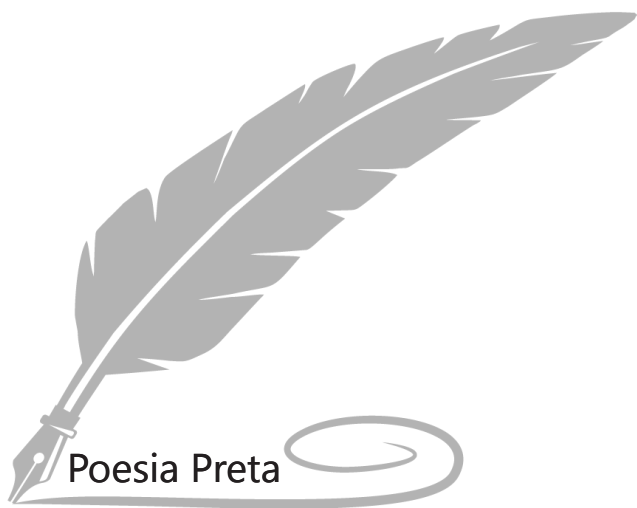
Conforme os dados cedidos pelo Coletivo Negro Waldir Onofre, o projeto contemplou artistas de diferentes áreas da Zona Oeste entre favelas, quilombos urbanos e bairros periféricos, como: Bangu, Quilombo Dona Bilina (Rio da Prata), Santíssimo, Gardênia Azul (Taquara), Carobinha (Campo Grande), favela do Barbante (Campo Grande), Comunidade do 77 (Padre Miguel), Vila Kennedy, Fumacê (Realengo), Santa Margarida (Campo Grande).

Para despertar o interesse dos alunos negros e periféricos, é preciso entender as vivências e a realidade na qual os mesmos se encontram. Segundo Paulo Freire (2018), a escuta descuidada das demandas do oprimido pode refletir o desejo do opressor, por isso a necessidade de uma escuta atenta e crítica para perceber as relações socioculturais no ambiente escolar é necessária. Assim como o TEN incentivou o combate ao racismo por meio do teatro, a poesia preta feita por pessoas periféricas pode acolher jovens e adultos com a mesma realidade social que os escritores.

As desigualdades sociais não são os únicos fatores que levam à falta de interesse pela escola dos alunos negros e periféricos. Os vestígios da colonialidade no ensino afastam a população negra dos ambientes escolares. A educação através da arte, das metodologias desenvolvidas pelos movimentos negros e periféricos, mostram caminhos para uma pedagogia decolonial e libertária.

Cada vez mais, se tem feito debates sobre a inclusão de agendas locais para o desenvolvimento das políticas públicas nos territórios favelados e periféricos, que partem de iniciativas dos próprios moradores destes lugares. O Coletivo Negro Waldir Onofre é um dos exemplos citados para a desenvolvimento de um material didático a partir das poesias periféricas. A linguagem dos poetas negros da Zona Oeste sobre as suas vivências estimulam o acolhimento e o pertencimento aos estudantes. Acreditamos que a chave para uma educação libertadora pode vir da troca em sala de aula entre professor e aluno a partir da produção vinculada

ao território. Há experiências e obras realizadas por artistas próximos da desigualdade racial e social, buscando novos caminhos através da cultura negra e da educação decolonial e antirracista.



Apresentação Poética

Por Sérgio Alves

17

Se fosse realizada uma pesquisa com a população do Rio de Janeiro, com perguntas do tipo: “Você conhece ou já ouviu falar sobre algum escritor morador da Zona Oeste?” ou “Você conhece ou já ouviu falar sobre algum escritor negro?” Com certeza, a resposta da esmagadora maioria seria NÃO. Com esses questionamentos, criamos o projeto “Poesia Preta – Poetas negros da Zona Oeste”, com recursos do FOCA - Programa de Fomento à Cultura, dentro da Lei Aldir Blanc, com recursos do Governo Federal, através do Edital da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, com o qual publicamos este livro, acreditando que, com mais projetos e publicações desse tipo, os poetas e poetisas pretos, LGBTQIA+, periféricos, militantes, terão a chance de sair da invisibilidade, levando sua poesia para espaços nunca antes cogitados.

São 30 poetas de várias idades, histórias, profissões e estilos. Tem líder comunitário, tem ator, tem artista plástico, tem cantor, compositor, rapper... Uma coisa os aproxima: A poesia, a Zona Oeste, celeiro e berço dos mais aguerridos e criativos arautos da mudança e do sonho. São militantes, lideranças, referências, mobilizados pela internet, no tete a tete, no “passe adiante”, trazidos pelo amor à arte, à literatura que só a comunidade poderia oferecer; uma literatura atrelada à Consciência Negra, à Consciência de Classe; uma literatura que não quer apenas entreter, mas quer fazer refletir, quer propor saídas, participar das mudanças.

Temos a convicção de que este não é um livro comum. Não é apenas uma antologia onde três pessoas se juntaram, elaboraram um projeto, pesquisaram poetas e poetisas da região e publicaram um livro. Este livro tem um sabor especial. Tem dentro dele as candaces e os griôs invisibilizados pelo sistema, mas enaltecidos em cada esquina do seu bairro. Cada poema publicado aqui é mais que um simples

poema, é um grito de libertação. Por isso está sendo tão prazeroso participar de cada etapa de sua confecção, de cada produção dos saraus e de cada articulação para os eventos de lançamento que propomos no projeto.

Dividido em capítulos que abrangem temas como: Ancestralidade, Resistência, Pertencimento e Dengo, este livro demonstra a profundidade e a diversidade dos trabalhos aqui publicados, mostrando que o poeta e a poetisa negros, que vivem e atuam na Zona Oeste, estão imbuídos não apenas em denunciar suas feridas históricas, mas também em propor e participar das mudanças urgentes e necessárias para tirar seu país das amarras que o mantém atrelado ao retrocesso, ao racismo, ao machismo e a todas as mazelas que o impedem de evoluir.

Enquanto o poder público não faz a sua parte, investindo na melhoria da qualidade da Educação pública e da Cultura, o artista periférico continua seu trabalho de resistência, cobrando atenção do país para o seu grito, um grito de dor, sim, mas também um grito de esperança, de beleza, na ânsia de que sejam derrubadas as barreiras visíveis e as invisíveis, que o impedem de alçar voos mais altos.

Que venham mais projetos assim, que aumentam o brilho de quem já brilha no seu bairro, na sua comunidade, no seu movimento social. Poetas pretos e pretas da Zona Oeste, presente!



Prefácio Poético
Por Thiago Mathias - Poeta Dife

19

Onde dizem que a Av Brasil termina
Para nós é o lugar que ela começa
Terra de inúmeras possibilidades
Que a arte brota do chão
Regadas pela invisibilidade
Ditos cariocas do sertão
Mas de uma simbiose incrível
Quando o papel encontra a caneta
Agarrada, quase colada na mão
Não há distância que não seja rompida
Vai de Sepetiba ao Fumacê
Devore este livro para entender
Que neste passeio
Não se gasta tanto dinheiro com a passagem
Porque está tudo ali
Recheada de gente preta e potente
Suburbanamente ciente
Do quanto é importante
Nos conhecer e reconhecer
Enaltecer nosso território
Com a escrita que ele merece
A sabedoria dos mais velhos
Que remete o ancestral
O fincar a bandeira
Afirmando o pertencimento
O afeto preto
Quando o dengo não sai da cabeça
E antes que se esqueça
A resistência mais que necessária
Para que a poesia apareça
Nos quatro cantos da Zona Oeste

Dife



Poesia Preta

Capítulo 1

Ancestralidade

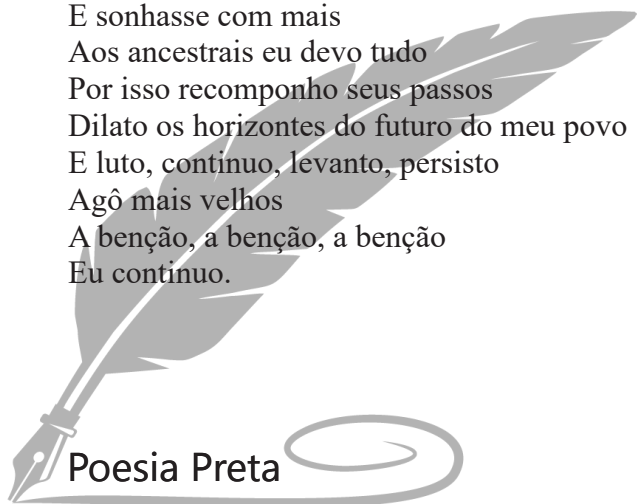


Oju Yaomin

Sou negritude Bahia
Sou Bantu, Sou Ketu, Sou Madagascar.
Arco íris me anunciou
Sou a chuva que baila com o vento
Eu fecundo a terra
Eu broto nas fontes
Eu deito nos Rios
Eu acalanto o Mar.
Sou Oju Yaomin
Com o perfume das flores na luz do luar vou te amar.
Sou o sereno da noite
Sou a relva da grama
Sou a moqueca de peixe
Sou plenitude da mente
Eu sou Yorubá.

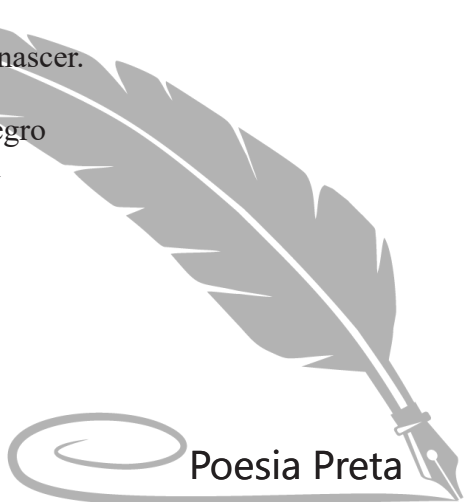


Aos ancestrais eu devo tudo
Devo minhas costas lisas
O punho sem marca de açoite
Os pés livres pra sambar, dançar, correr
Aos ancestrais devo minha barriga cheia
Meu copo cheio, meu sorriso
Devo o cabelo grande, solto, meu
Devo esta noite, este samba.
Devo essa minha família imensa
Com o domingo de mesa farta
Devo cada manhã tranquila
Cada sol sentido na praia
Aos ancestrais eu devo tudo
O sangue que foi derramado é a seiva em que minha vida
pulsa
A coragem deles é o chão em que piso
A eles devo cada amigo que tenho
Cada poesia que ouço, cada canto da Elza Soares
Salve, meus ancestrais. Salve
Minha vida é um canto de agradecimento
Aqueles que venceram a morte para que hoje eu pudesse
ser livre
E sonhasse com mais
Aos ancestrais eu devo tudo
Por isso recomponho seus passos
Dilato os horizontes do futuro do meu povo
E luto, continuo, levanto, persisto
Agô mais velhos
A benção, a benção, a benção
Eu continuo.



NASCIMENTO

Havia um ventre negro
Gerando um filho negro,
Numa terra diferente.
Aquele terra não era dessa gente.
Trazida da sua terra,
Aquele rainha, agora escrava era.
No seu coração havia medo,
A rainha não tinha sossego.
Mas a gestação requer espera.
Na senzala já se sabia,
Daquele ventre, um príncipe viria.
Rainha linda, rainha forte
Trabalhava.
Juntando haveres para a alforria
Agora ela sorri
Sinhô concede o que ela queria.
Pode ir, pode seguir...
Rainha forte, rainha vai
Nem olha pra trás
Do seu ventre, um filho vai nascer.
Vida vai ter, ser, viver.
E nessa terra um príncipe negro
Vai crescer, e nessa terra vai
Florescer.



O INÍCIO

Viajei no tempo, rompi o mito
Desvendei realidades
Entre Hórus e Cristo, em minha totalidade
Nas buscas dos meus conflitos
Liguei-me à ancestralidade.
Deitei no chão, tirei a cama
E fiz uma conexão entre o ócio e o nirvana
Caminhei bem lento
Entre o tocar a terra e o pairar do vento.
Deixei o meu corpo e todos os movimentos
Naveguei com a alma, segui contra o tempo
Passei pela guerra e toda escravidão
Que aprisionava a carne e também o coração
Vi a formação do ódio e toda manipulação
Entre um jogar de mente e questões vazias
Entre os trocar de eras e novas covardias
O limitar da mente ali se rompia
Entrei no meu ser e já não era eu
Segui aquela trilha, quase um infinito
Avistei um universo onde rompi o mito.
Já não tinha causa e nenhum conflito
Tudo era um
E um era tudo
Não havia cor, nem havia raça.
Nenhuma guerra de momento
Me senti um grão de areia
Entrando em movimento.

NOVEMBRO

Essas rosas são pra ti, novembro
Contigo quero lembrar do passado
Recontar a história do escravizado
Lembrar da diáspora colonial
Trazendo lembranças do trabalho forçado
Da subserviência do meu ancestral
Quero também lembrar
Da falta de respeito e ignorância
Do racista chamado de elite branca
Que insiste em nos subalternear
Quando um preto fura a bolha social
Pois para eles, esse é o nosso lugar
A Anastácia foi imposto o silêncio
Se hoje uso máscara é por causa do vírus
Pois como diz Conceição Evaristo:
'Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio'
Todos os dias a violência nos alcança
Quando não com um tiro
É com a sua <inveja branca>
A branquitude ignora as cotas raciais
Mas eles morrem de medo
De debater com pretos intelectuais
Ô novembro, vai sem pressa, tá?
Branquitude, senta e escuta
A história de meus ancestrais
É de vivência e luta.

MÃES PRETAS

Mães pretas têm útero sagrado
Mães pretas são banhadas e regidas pela ancestralidade
Mães pretas são únicas
Mães pretas têm a força de África
Carregam espíritos e divindades em seu útero, o dia do parto é dia de festa
Uma luta linda e única regida sempre por um ancestre
Mães pretas nunca estão sozinhas, vivem em quilombos
Mães pretas têm um universo dentro de si e doam esse universo a sua cria
Mães pretas têm a força das águas a seu favor
Elas passam todos os obstáculos em silêncio,
Pois o que importa é sua cria, é parte de si e de outrem nesse mundo
É sua contribuição nesta Terra
Mães pretas são leas, são doces, são duras, são amáveis
São exatamente o que têm que ser, mães pretas.



Negritude

Um grito...
Preta!
Preta? Eu? Nós?
Sim, preta!
Tornar
Ser
Estar
Sou... [somos]
Preta!
Preta?
Ei, preta!
Veja só...
Me chame pelo meu nome!
E sim, muitas ouviram
Porque não ando [nós] sozinha
Vivo-caminho-luto em bando....



Odara

Me disseram que eu era mulato
Cafuzo, mameluco, cor de chocolate
De marrom glacê, disseram até que eu já era
Ai ai o que é que eu sou
Oriundo de Moçambique, Congo, Angola, Nigéria
Costa do Marfim, Daomé
Sei que sou negro do cabelo crespo
E muito me orgulho das minhas origens
Ter vindo de lá
Odara sei que sou e sei que vim de lá
Hoje sinto aquele arrepio ao ver mãe Yné
Bailar candomblé com aquele molejo de Daomé
Cultuar os orixás na batida do Rumpi
Evocando Xangô no Jeje, no Mina, no Ijexá
Rei das nações Africanas Ketu, Angola, Yorubá
Odara sei que sou e sei que vim de lá.



Capítulo 2

Resistência



Só tiro no Caju.

Tiro...

Bala....

E nem é São Cosme Damião

A idéia era acertar no caju

E aquilo que partiu perdido

Pegou uma criança no Cajú

Depois disso bye...bye Cosme e Damião

Porque quem se aproximou foi à multidão

E não foi pra pegar bala e nem se esconder do tiro

E sim pra parar a Av. Brasil pra protestar

E quem poderia evitar?

Tudo que se queria era brincar de tiro ao alvo

E na certa o tiro saiu pela culatra

Mas de onde partiu?

Acho que isso, a que pariu

Não tentou saber quando o seu foi atingido e perdeu a vida
sem querer.

Acho melhor brincar de tiro ao alvo no morango

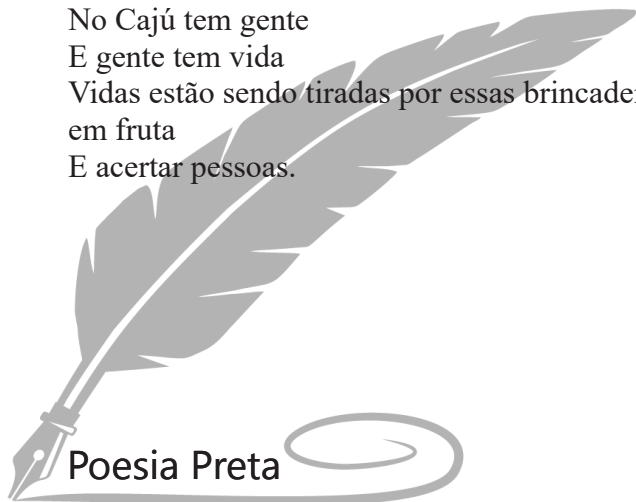
Ou na acerola

No Cajú tem gente

E gente tem vida

Vidas estão sendo tiradas por essas brincadeiras de dar tiro
em fruta

E acertar pessoas.



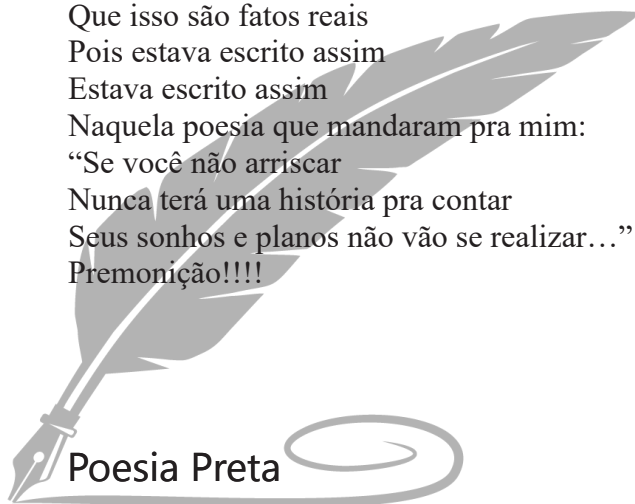
PAPO RETO

Muita gente diz que papo de racismo é um saco,
Que é mimimi dos pretos que querem se aparecer,
Mas quando no estádio me chamam: Macaco
E na favela eu vejo a vida fenecer
Penso e repenso na nossa realidade
De onde viemos e quem somos de verdade
Em tudo o que sofremos na história esquecida
Muitas vezes nem conhecida
Na minha gente transportada em porões
Minha gente que amontoada adoecia
Morrendo e sendo jogada aos tubarões
Cuidados e tratos ninguém oferecia...
Se a plantação deu lucro, foi o preto
Se a mineração deu certo, foi o preto
Se a construção está de pé, foi o preto
Então não venha me destratar
E nem dizer que não tenho valor
Não servirei só pra limpar.
Não escarnecerás da minha cor
E muito menos da minha dor
Não darei trela pro teu ataque
Em driblar o preconceito, eu sou craque
Sou livre pra bater meu atabaque
Esse meu povo preto merece destaque!



Eu era descrente, não cria em Premonição
Naquele dia, no banco, alvejaram meu irmão
Numa tremenda confusão.
Só eu escapei, me joguei para o lado
E logo revidei

- pra pra pra pra pra
Lá no meio do banco o Eco Serra caiu
Ele caiu foi de fato, recebeu um balaço.
Meu irmão também dormiu
A minha ficha caiu.
Algumas noites atrás,
Meu amor despertou de um terrível pesadelo
E logo me falou:
“Meu amor, por favor, fala pro seu irmão
Não ir para o trabalho que eu tive uma premonição”.
Meu corpo todo gelou
Meu coração disparou
Será que pode dar tempo de avisar meu rapaz?
Será que é tarde demais?
Será que é tarde demais?
Eu não sou, nem serei
A pessoa capaz de avisar a vocês
Que isso são fatos reais
Pois estava escrito assim
Estava escrito assim
Naquela poesia que mandaram pra mim:
“Se você não arriscar
Nunca terá uma história pra contar
Seus sonhos e planos não vão se realizar...”
Premonição!!!!



Carrego dentro da alma a dor de muitos irmãos
Desde a época da senzala no tempo da escravidão.
Não cansarei de gritar
Aqui tem sangue preto, aqui tem sangue preto, aqui tem
sangue preto...
Essa dívida ainda existe e está longe de acabar
Alguns acham que com cotas são capazes de saldar.
Outros julgam injustiça as políticas sociais, citam até
constituição ao tentar afirmar que todos nós somos iguais.
Que iguais que nada, tudo isso é balela!
A elite não aceita um preto pobre retirar o lugar de um dos
dela.
Caridade tá ok!
Precisamos ajudar, mas essa tal de igualdade não podemos
aceitar
Pobre é pobre e tem que saber desde cedo o seu lugar,
Que pelas portas dos fundos é que têm que entrar,
E manter a cabeça baixa, nada de altivez na voz
Trabalhar duro, manter tudo funcionando
Parece até um absurdo ver um pobre preto sonhador.
Assim pensam os poderosos ao nos olhar de cima
Nos medem em arrobas
Atacam as comunidades quilombolas
Já delimitaram até onde podemos chegar
Mas não cansarei de gritar
Que ninguém pode nos roubar o direito de sonhar
Não cansarei de gritar que ninguém pode delimitar até
onde eu posso chegar.
Aí vem alguém do nada me falar de meritocracia, será que
acharia justo estudar com a barriga vazia?
Ou passar pelos apertos de morar em comunidade, enfren-
tando todos os dias uma guerra de verdade,
Andar com um alvo nas costas só por não ter nascido bran-
co,

como se a cor da pele nos servisse de parâmetro.

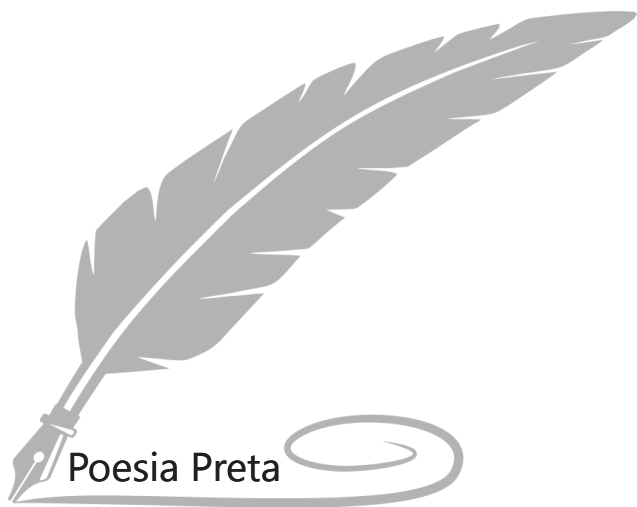
Não! Não quero de forma alguma me vitimizar, quero apenas viver e ter projetos a alcançar

Que não me neguem o direito à vida baseado em preconceitos.

Que se lembrem que meus ancestrais deram seu sangue para o

sustento de uma burguesia falida, hipócrita, injusta e vazia.

AQUI TEM SANGUE PRETO!

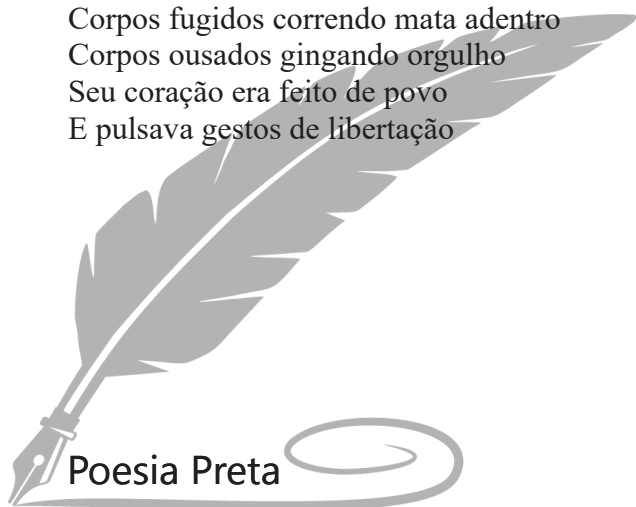


ESTOU INDIGNADA!

Moise do Congo pro Brasil refugiado!
Achou que aqui estaria Abrigado!
Durval da comunidade pra um Condomínio Residencial!
Achou que ali teria Segurança Integral!
Yago, morador de favela, preso, com bandido confundido,
ao sair pra comprar pão!
Três casos nítidos de Discriminação!
Os racistas pensam que, pela cor da pele, não se tem o direito de ser cidadão!
Mortos os dois primeiros!
Prisão para o terceiro!
Chega de nos matar!
Não podemos mais tolerar!
Século XXI!
Até quando outro negro vai ser mais um?



Deus é uma mulher negra, eu sei, porque vi
Seu sangue são vibrações de tambor
Seus olhos lamentos de mães de filho assassinado
Eu sei. Eu vi
Ela, Deus, falou comigo
Sua voz era rouca e orgulhosa como voz de Yalorixá
Como Mãe Beata de Yemanjá declamando poema
Como Elza denunciando esse esquema
Sabe? Uma voz feita de eternidades
Seus pés, ao caminhar, faz samba nascer do chão
Suas mãos são enrugadas como Baobás negros
Os braços são feitos de homens negros
Eu sei, porque vi, vi meu pai a contornar seus ombros
Sua pele é feita de terra quando encontra rio
É uma pele farta, como os peitos fartos da mãe África
Suas orelhas são feitas de além mar
Feito de saudades e saudades tem cor de sol
Seu coração dava pra ver além da terra que era sua pele
Seu coração era feito de muitos, muitos corpos
Corpos que tombaram a força de açoite
Corpos fugidos correndo mata adentro
Corpos ousados gingando orgulho
Seu coração era feito de povo
E pulsava gestos de libertação



OMISSÃO

Para que meu corpo fosse aceito, eu me cobri,
Escondi o que a sociedade julga feio e que eu,
Por me compreender fora do padrão,
Me omiti...
Para que meu corpo fosse aceito, me calei,
Calei a voz, calei o grito, calei a revolta, calei...
Me omiti...
Para que meu corpo fosse aceito, convivi com a dor,
Convivi com o sofrimento, sangrei diante das injustiças,
das cicatrizes...
Eu omiti...
Para que meu corpo fosse aceito,
Eu rebolei...
Me armei do meu melhor requebrado.
E ousei subir no palco da vida e soltar a voz contra a opres-
são,
Contra o preconceito, contra a moral exacerbada, contra a
omissão...
E eu falei!
Me despedi das roupagens da hipocrisia
E revelei todos os atributos que insistiram em invisibilizar
durante toda a trajetória,
E que agora, estão evidentes e plenos de coragem, de força,
de segurança.
Agora eu falo, eu luto, eu grito,
Eu clamo para que nenhum corpo seja escondido, calado
ou ferido.
Eu não me omito

Mais um Homem Preto.

Não quero falar de dor.
Não quero reclamar de nada.
Ainda mais nesse momento de pandemia.
Mas não tem como silenciar.
Enquanto reclamo que tenho que higienizar as mãos,
enquanto reclamo que tem tanto tempo que não saio.
Um homem preto morre.
Os homens pretos estão morrendo.
Sendo assassinados, meus irmãos.
Não queria ter visto o vídeo,
não queria ter lido a matéria.
Não queria ter acompanhado
a saga do desaparecimento da criança,
não queria ter visto
a mão apertando o 9º andar para a criancinha,
não queria ter visto
os seguranças em cima dos meus homens,
a bala acertando os meninos na moto.
as 111 balas no carro com os meninos
que iam comemorar o primeiro emprego,
os 80 tiros no carro do músico.
Não. Não queria. E quem quer?
É impossível não ver. Não sentir. Não ser parte.
Na verdade, queria que tudo fosse uma fantasia.
Uma brincadeira escrota, ridícula, insana, doentia.
Que chegassem e zombassem de mim dizendo:
“Taís, era tudo filme de terror,
Nossos homens pretos estão vivos e rindo de você.”
Vamos comemorar a vida! Vem”
E eu iria, primeiro ficaria com raiva,
Mas depois estaria feliz.
Mas não. Está acontecendo de verdade.

Tais Espirito Santo

Nossos homens pretos estão sendo mortos.
Na cara dura.
Dá pra ver a cara de alegria da conspiração.
Quero meus homens pretos lindos, rindo, amando, livres!
Sem medo!
Quero meus homens pretos vivos!

39



FÁBRICA DA VIDA

Fábrica da vida
que produz braços e pernas
Para a linha de produção
mecanismos para movimentar as teclas
que alimentam o capital.
Fábrica da vida,o que prometeste.
a mãe cuidadosa
o filho esperado,gerado,
sem chance de remanescer.
Fábrica da vida, o que produzistes?
A criança inocente
buscando contente,
o alimento para sobreviver.
Fábrica da vida assim me fizeste.
Com corpo tão frágil e mente tão viva
a fome sentida e a morte bem vinda
as marcas no corpo desde o nascer.
Fábrica da vida, para que fostes forjada.
para alimentar a súcia
derrotar a astúcia
de quem tenta subverter.
Fábrica da vida ,assim nos moldastes,
sujeitos, abstratos ou concretos.
e a vida sem teto
Um reles sofrer.
Fábrica da vida, o que nos foi prometido.
na maternidade a quantidade,
no cemitério a qualidade
de quem não merece viver.

AISEOP

E lá vem um menó
Mó solzão na nuca
Barra da Tijuca,
Dá um sorriso, levanta a blusa
Joga seus malabares
Em frente a um carro importado
Com seus vidros fechando,
Fechado
Tipo poesia ao contrário.



CHEIRO DE PAU-SANTO

O cheiro de pau-santo marcava uma crença.
Marcava a força da mulher que foi arrancada de nós
Como rimar a falta com o amor que ela emitia?
Como abarcar em palavras aquele mar de mulher?
Tento, não desisto, resisto,
E (re)-existo no cheiro do pau-santo!
Há aquele sorriso largo, tão cheio de força! E tem que existir em nós.
Passa a mão suavemente nas lágrimas que teimam em cair,
A saída brusca de cena, do dia em que a noite não acabou
Deixou dor, saudade, raiva, tudo junto
Na tentativa de nos paralisar, de nos subalternizar, fomos
embalados pela dor
A resistir
A não sucumbir
O grito de dor dela
Emana em nós o grito de luta
Marielle, presente!



SEM ESPERANÇA

43

Vocês querem natal fome zero
Mas esquecem que durante os outros 364 dias do ano
A barriga ronca, mas a solidariedade de vocês some.
Vocês são: doem sangue, doem vida
Mas na primeira oportunidade que vocês tem de matar,
Querem logo atingir a cabeça pra aniquilar, vocês são pró-
-vida até chegar na sua mina
Se a barriguinha vai crescendo, vocês viram visita
E depois que nasce, sua cara nunca mais é vista
E se abortar não tá dando certo, eles matam a mãe com
tudo
Pra não ter risco de procriar e por mais um filho no mundo
Mas você pode sair procriando por aí sem receber nenhum
indulto
Vocês gostam de criança esperança, mas a qual criança vai
a sua esperança??
Porque do morro ao asfalto você se esconde e o deixam
sofrer calado
Se pede esmola no sinal vocês negam,
Se levar um deles pra lancha no McDonalds, vocês segre-
gam
E como Cotta já diz: “Crianças não brincam com o que po-
dem, criança brinca com o que tem.”
E nessa vida da rua eu digo que elas são refém
E mais uma vez eu repito que vocês acham errado criança
no sinal
Mas se mandar ir na adoção vocês até passam mal e não é
por emoção
É porque mexer no bolso gera um certo desconforto
Mas vocês nem pensam nisso quando vão ajudar outro país
Seja por uma igreja que pegou fogo, um atentado,
Ou até mesmo a adoção de uma criança da África

Eu não tô dizendo que fizeram errado ou que isso é pecado,
Mas parem de vomitar no prato que comem
Vocês fazem projeto, ONG, querer ajudar o próximo
Mas somente se o próximo estiver no topo da pirâmide,
For de suma maioria branca ou quando vocês querem pagar
de branco salvador, né?
O país de vocês não entra nessa lista, né? Será por quê?
As crianças daqui também tem sede, fome e precisam de
esperança
Mas aqui vocês fazem diferente, vocês matam pra não ter
muita despesa
E acabam com a esperança de mais uma criança indefesa
Me desculpa a todos os frutos que não floresceram
É que brotou erva daninha nesse jardim
E nessa plantação eles também matam os jardineiros.

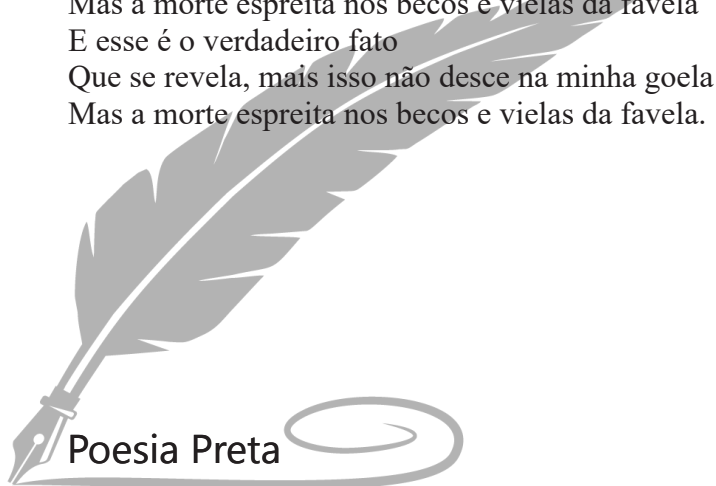


Filhos da Rua

Deus não te escreveu em linhas tortas
Apenas mudou alguma notas pra fazer o teu som
Ficar sem fronteiras e invadir barreiras
E escrever tua própria canção
Nas voltas que o mundo dá
Eu vim
Da dor que ontem me fez chorar
Eu sorri
No golpe eu até senti a queda
Mas meu sonho tem peso de meta
E a luz desse túnel tá sempre em mim
Os filhos da rua de lá
Aqui
O bem que ontem eu pude plantar
Eu colhi
Em nós eu sinto a esperança
E as mãos que não soltam na dança
Se seguram firmes pra vida seguir

FAVELA BAIRRO

A pimenta tempera as coisas ruins
Que desce pela minha goela
Mas a morte espreita, nos becos e vielas da favela.
A minha vida não muda, não tenho dinheiro
Tomo porrada da vida, soco no olho e o gosto de sangue
Desce pela minha goela.
Mas a morte espreita nos becos e vielas da favela.
Meus irmãos sofrem nas ruas
passam fome, morrem nas celas
Vigário Geral, Carandiru, Candelária
Uma desgraça verdadeira miséria
Mas a morte espreita nos becos e vielas da favela
O desemprego alarmante
A fome, a falta de respeito, tudo isso desespera
Não há preto, não há branco
Tudo isso é uma baderna
E os governantes o que esperam
Para afrouxar essa arruela
Pois o nosso País está se tornando uma favela
Mas a morte espreita nos becos e vielas da favela
E esse é o verdadeiro fato
Que se revela, mais isso não desce na minha goela
Mas a morte espreita nos becos e vielas da favela.



ESCRAVIZARAM MEU DIREITO DE SER GENTE PRÓSPERA

Massacrado pelo processo que me cabe
Na reta de conclusões que jamais terei respaldo
Olhares que se viram
Certos que você não poderá vencer
E quem pode confirmar tal ato de opressão?
Falecemos por dentro
E por fora quando não damos as mãos
E sangues escorrem
Cabeças rolam
E o império permanece de pé
Afim aqui nessa terra quem manda
É quem tem dinheiro e diploma
Mesmo que falsificado
Por um ato de aparente inteligência!
Papai e mamãe tirei nota dez e passei de ano!
Presidente:
Obrigado pela minha bolsa mendigo social
Sociedade eu venci
Ganhei 10 reais de aumento!
Meu herói
Chaves ou melhor chaveco!



Quando era jovem
E não entendia a imagem
Tudo era luz
Apenas se fazia
Só pensava em entrada
Sem tempo pra fuga
O futuro me aguarda
Quem não gostou aguenta
Mas caí no açúcar
Ali foi a primeira
Não posso passar pano
Pra quem fode minha vida.
A união fez a força
Pode botar fê
Que se eu não tiver foco
Vou ter que beber café.
Para me manter limpo
Não dá pra usar álcool
Não dá pra ficar são
Bebendo um barril de aço.
Tem coisas que adoro
Tem coisas que me amarro
Então continuo me mantendo longe do cigarro.
Mas pareço até ser um pouco sem vergonha
Agora pouco fui ali fumar maconha
Querem proibir
Dizem que é do bem
Mas sempre leva minha mente para o além.
Não é fácil estar de pé
Barreiras da realidade
É sobre isso
Sobre sobriedade.

Como num conto de fadas
Eu me pego a sonhar
Como Alice no País das Maravilhas
Em um país encantado
Que me faça sonhar,
Que todos os dias eu tenho que continuar
Porque a sociedade te trata como bando
E marginal
Isso, meu amigo,
Não está legal
Você tem que fazer uma lavagem mental
Contra todo esse mal.
Fala para eles que sua vida tem jeito
Que você luta contra todos os preconceitos
E que você não merece todo esse mal
Porque no conto de fadas
Tudo é normal
Porque no conto de fadas
Todo mundo é igual
Porque no conto de fadas
Tudo é tão bom!!!



Dia 14 de maio (o dia seguinte)

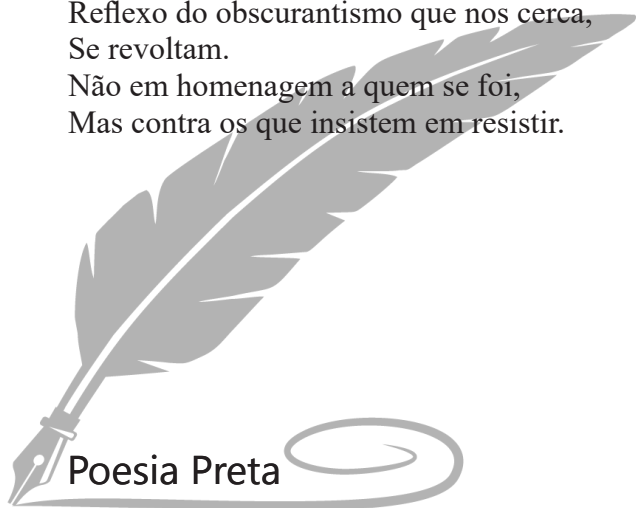
Eu vou contar
Uma história diferente
História de antigamente
Que a nossa história não contou.
No morro do livramento
A única moradia
Correr de capitão
Que tinha virado polícia
Porrada sem razão
Vagabundo não se cria
Esse era o cenário
Na cidade maravilha.
Banhada pelo mar
De onde veio a hipocrisia
Os traficantes portugueses
Traficavam vidas
Matavam muito mais
Que os marginais de hoje em dia
Malditos canibais
Já destruíram famílias.
Não tinham dó
De nenhuma criança inocente
De cara fechada
Igual a de menor carente
Entende?
É o que seria dali pra frente
Já éramos governados
Por corjas incompetentes.
Prostituindo nossa gente
Tudo justificado
Pela inquisição
Dos crentes.
História de antigamente
Que a nossa história não contou
Eu vou contar...

VOLTAR AO QUILOMBO

Mais um dia 20 no calendário
E a gente continua sendo supliciado
Na história atual, as valas
Na colonial, as senzalas
Todos os dias valas são abertas
Nos jogam por motivo de ‘bala perdida’
Ou por não obedecermos as regras
E que regras são essas que preciso obedecer?
Até porque nesse país
Basta ser preto pra morrer!
Tu diz que é vitimismo e que reclamamos de tudo
Mas tu não sabe e nem quer saber
O que é morrer a cada 23 minutos
Venham, vamos voltar ao Quilombo
Elaborar agendas e estratégias
E nunca mais voltar ao Cais do Valongo
Nas encruzilhadas do racismo
Vamos arriar o nosso ebó epistêmico
Derrubar esse fascismo
Insurgirmos como pretas e pretos acadêmicos
Zumbi e Dandara lutaram por liberdade
Eu e meus iguais
Lutamos por equidade
Exu, movimente as avenidas
Para que nas encruzilhadas
Eu possa lhe alimentar
Com minhas oferendas analíticas.

MALUNGOS

A caravana passa em um grande cortejo fúnebre.
Corpos pretos perfilados ,
Esperando adentrar no grande desfile.
Moïse, Durval, presente,
São os últimos da fila.
Outros observam aterrorizados,
(são todos “malungos”)
Sentem medo,
Ninguém sabe quem será o próximo,
Mas haverá sempre um próximo,
Um grande vaticínio.
E os cães ladram,
Vociferam,
Sons inaudíveis,
Acalorados,raivosos.
Destilam todo o ódio incontido,
Reflexo do obscurantismo que nos cerca,
Se revoltam.
Não em homenagem a quem se foi,
Mas contra os que insistem em resistir.



PRESENTE

53

Eu quero que gritem PRESENTE
Enquanto eu me fizer presente
Não adianta me clamar na minha ausência
Porque eu não quero morrer pra virar influência
Valorizem meus versos enquanto eu tô viva
Poeta lírica sempre em ascensão
E minha morte não será carta preta de permissividade
Pra tu usar meus textos na tua boa vontade
Isso aqui é troca de energia e conhecimento
Se tu não entendeu meus versos eu só lamento
Sou professora sim, mas não vou ficar te ensinando referên-
cia
O que eu quero mesmo é reverência
Eu quero que tu respeite a mim e a minha escrita
Principalmente se tu for branco
Porque tu bate palma quando eu falo da minha dor
Mas fora daqui que bater na minha cara me chamando de
vitimista
Não tá botando fé em mim, eu só lamento
Até porque não sou nenhum deus pra tu depositar teu credo
Eu escrevo sobre o amor que tão me fazendo sentir
Sobre a raiva que sinto faz tempo
Eu escrevo sobre a ancestralidade a mim deixada
Escrevo sobre o banzo do meu povo nos resquícios do tempo
Procuró saber mas da minha história
Porque continente africano não se resume a fome e a escravi-
dão
A guerra e a humilhação, a miséria e a exclusão, a fome e a
escravidão
A história do povo preto é muito mais que isso
É arte e gastronomia, é moda e literatura, é ancestralidade e
cultura
Mas vocês preferem se vangloriar com sofrimento
Do que entender que povo preto é ouro e diamante rosa
É cores e paisagens vistosas, é Banto, Nagô, Yorubá
É talento vivo, somos um povo lindo

O QUÊ SE PASSA?

Os olhos que me vêem, não sabem o que na minha cabeça
passa

O quê se passa?

É um show de horrores, senhores brutos, amores, dores.

Quais as suas dores?

Reclamam, falam, se dilatam e não são ouvidos.

O sistema quer?

E é feito aos gritos da plebe.

A dor de cada cliente faz o cofre do patrão aumentar.

O quê se passa?

Você quer um basta?

Então parta.

Qual a aposta, sua proposta?

Suas necessidades?

Fazem o meu cofre estufar.

Quem se importa?

Me fale das suas propostas

A mesa não está posta

A prática está torta.

A teoria composta.

O quê se passa ?

Dê um basta!



O quê está havendo? O quê está havendo?!
Quando pequeno obedecia seus pais
E hoje seus filhos não estão te obedecendo
A culpa é do diabo, do mundo ou das estrelas?
O mal do ser humano é por a culpa em tudo aquilo que não
possa ver
Aí a hipocrisia nos atinge
Mas continuamos não entendendo que cada um tem sua
índole
O tempo trouxe várias histórias
E tem histórias que ele ainda trazia
A mente evolui, ela cria!
Meu Deus!
Como ele pôde fazer isso, fazer aquilo, viver num vício?
Quem mandou Deus criar o livre arbítrio?
Às vezes tento sair do meu corpo pra ver o que há, mas não
dá
Até porque ele já está cheio, parece que me puxam e me
levam de novo pro meio
Mesmo dentro de mim eu me sinto tão pequeno
Mas o que está havendo?
Não só comigo, mas com todos e com tudo
A minha vontade é jogar no lixo essa coisa que vocês cha-
mam de mundo!
Lembro bem, quando o quadro da escola ainda era de giz
Vejo quem conquistou tudo, mas ainda é infeliz
E aos que não tem nada?
Nem dinheiro e nem felicidade?
Deve ser por isso que abandonam o pouco que tem para
vagar nesta cidade!

“Brasil, mostra a tua cara!”
Que papo é esse de Democracia racial
Com tantos corpos pretos
Atirados na vala?
Viva o holocausto negro
Nesta terra de Zumbi e Dandara.
Brasil, país da desordem e
Do retrocesso
O que adianta tanto esforço e tanto mérito
Se estamos segregados
Neste maldito universo?
Posse de arma já
É o que querem
Para matar os sem-terra
E os sem-teto!
E tudo continua normal
Status, poder e hegemonia do capital
Estruturada nos critérios de renda, gênero, cor e violência
policial
Aplaudam o sensacionalismo
Da mídia global
Enquanto isso permanece
Tudo como está
O abismo entre as classes,
O apartheid social
Brasil acima de tudo!
País de merda
Um dos lugares
Mais desiguais do mundo.

8+80 = Há mais de 500

8 anos
80 tiros
Há mais de 500 anos
É muito sangue na colônia
Como podem passar pano?!
Em prol de seus interesses
Reduzem o próprio senso
Por que que sobem as favelas
Se o helicoca já é consenso?!
Mais outras lágrimas, outras vidas
Ou melhor são: novas mortes
Na igreja, são pró-vida
Mas nas urnas são pró-morte.
Fico tocado, indignado, emocionado
E com ódio, muito ódio
Na lista dos mais assassinados
Ranking 1, topo do pódio.
1 pela exploração
2 pelo preconceito
3 por tanto choro
4 navio negreiro
5 porta travada
6 o subemprego
7 pra tomar tudo que é nosso por direito.



Capítulo 3

Pertencimento



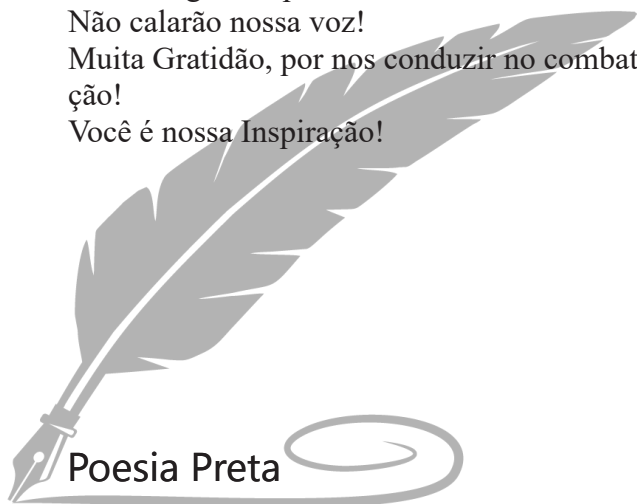
Etnocentrismo

Pra você ainda não perdeu
A velha mania de seus pais
De ser tudo
De saber de tudo
De querer ser o centro do mundo
Etnocêntrico
As estrelas brilham
No além mar
Longe do seu olhar
Longe da velha mania colonial
De seus antepassados
De dominar os corpos
Ah! Outro mundo existe,
O mundo insiste em querer
Em viver
Em respirar
E mesmo que vc não queira
Esse mundão vai girar



Dulce Mendes Vasconcellos

Dulce você é luz!
E essa luz irradia
A mais “Bela Energia”
Que uma luz pode emanar!
Do CEDICUN, a idealizadora!
Uma das principais fundadoras!
Além de nossa mentora!
Saiba que você é a primeira!
Encabeçando a fileira
De muitas outras mulheres, tais como você, guerreiras!
Nem nomes dessas citarei,
Para não deixar nenhuma esquecida
E ter alguma ressentida, se achando por mim preteridade!
Aprendemos contigo a caminhar nesta andança,
Com perseverança,
Sem desanimar!
Vidas Negras Importam!
Não calarão nossa voz!
Muita Gratidão, por nos conduzir no combate à discrimina-
ção!
Você é nossa Inspiração!



Negrura (grafia)

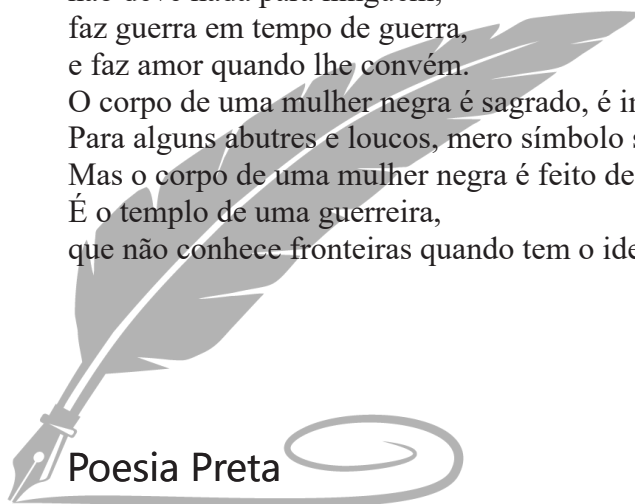
Movimento-grafia
de mim mesma (de nós)
Denegrir (-se)
Gesto de resgate
Processo
De encontro
Com nossa ancestralidade
Processo
De histórias inscritas e escritas
Tecidas no corpo
Fale de suas dores...
Dos seus (nossos) pro-ce-ssos.

Conte... suas potências!
Tornar-se,
Negra... negritude.



CORPO DE UMA MULHER DE 25 DE JULHO

O corpo de uma mulher negra,
não se detém na curvas das mentes turvas,
nem na ânsia de quem valoriza as protuberâncias,
E nem no seu gingado carregado de elegância.
O corpo de uma mulher negra,
não se compõe no andar que ofende as beatas,
não se reduz em mamas fartas,
não se prende a um olhar encantador,
e menos ainda a um sorriso sedutor,
O corpo de uma mulher negra, é estabelecido pela alma,
Que hora é tsunami, hora brisa calma.
Não se abate aos grilhões luta, briga, grita, aguenta.
Não se entrega nos primeiros pontos
e não chora quando a dor aumenta.
Não deixa um dos seus feridos na guerra,
volta e pega aos tapas ou negocia.
Enxuga a lágrima com as costas da mão, para renovar as
energias.
Divide até o que não tem,
não deve nada para ninguém,
faz guerra em tempo de guerra,
e faz amor quando lhe convém.
O corpo de uma mulher negra é sagrado, é imortal.
Para alguns abutres e loucos, mero símbolo sexual.
Mas o corpo de uma mulher negra é feito de alma,
É o templo de uma guerreira,
que não conhece fronteiras quando tem o ideal.



AFROTUPI

Eu vim
Pela brasilidade que há em mim
E sim
Converto em Iorubá o seu latim
E se a mandinga é muito forte
Eu digo
Só Tupã na causa
Encarem os fatos
O toque no atabaque afronta Monteiro Lobato
E todo o escritor que com um tom dissimulado
Tenta distorcer a história pra contar na Casa Grande
E quem contesta?
Se o som da sua risada é KKK
E fazem festa
Se a dor que nos inspira nem de perto te afeta
Não venha falar de trégua
Quando declaramos guerra
Negro
Me ensina o caminho da Vitória
Enfrentando a dor
Índio
Recuse as hóstias consarias que o colonizou
Kang How/Axé
No caminho que iremos seguir
Forjados no fogo de Xangô
Banhados nas águas de Iara
Somos a marcação de um tambor
Com a agitação de um Ganzá
Somos a fusão, a revolução
Do índio, branco e negro
Somos a história, além da história contra o preconceito
O calor africano e os mares litorâneos do povo Tupi
Representam elementos que trazem a vida
Essa é a nossa raiz
Seja o fogo/seja a água

AFRO BRASILEIRO.

Minha cor
É a pureza da noite
Que com a madrugada vai se encontrar.
O meu sorriso é o raio do sol
Com a manhã vem se acasalar.
E por isso me sinto amante
E da vida quero me apossar
Pois a força que trago é vibrante
Tão forte como o sol e o luar
Sou Negro
Sou Afro- Brasileiro
Sou a mistura
Dos povos de Além Mar
Sou negro
Solto livre, como o vento
Por mais que tentem
Nunca vão me aprisionar.



DE QUE COR É A TUA ALMA?

Passei parte da vida
Ouvindo que eu tenho alma branca
Como se fosse uma desculpa, uma saída
Eu, realmente, pensava nisso como alavanca.
Preto de alma branca
Quem é? Como é?
Pensava, mas resignada
Aceitava.
Alma branca, quem a tem?
Qual é a cor da tua alma?
Pele tem cor, olhos tem cor,
Cabelo tem cor...
Mas, e a alma?
Quem já viu uma alma?
Alma é tudo o que se sente
Alma nem é gente!
Eu acho que é transparente.
Alma é sentimento.
É tudo o que sentimos
Sou preta, bem preta,
De corpo e alma
Sim, pois penso como preta
Vivo como preta, e gosto de ser preta.
A cor da alma, é a cor que se tem,
E isso não importa a ninguém.
Sou corpo onde habita uma alma
Que me faz sentir, que me faz ver
E agir segundo o meu corpo é.

Estrutura é necessário
Como palavras em um diário
Sempre olho e vejo que está lá
Firme como o ato de escrever
Parar e dizer
Que não tem
Ou não pode
Me diminuo quando me isolo
Sozinho não sou nada
Por que continuo assim
Parece que não aprendi nada
Já quis ter namorada
Hoje procuro morada
E a cada dia parece que eu fiz tudo
Sei tudo
Mas não tenho nada
Pergunto qual é da parada
Acho que sou a pessoa errada
Só mostra que não sei de nada
Me pergunto porque gostam de mim
Me pergunto o porquê sou importante
Me pergunto até onde vai meu egoísmo
Nunca egoísta o bastante
Obscuro
Obstante
Bala de traçante
Só quero pagar minhas contas
Será que tentar é o bastante?!

DIRETOR



HERÓI ETERNO

67

Pai, algum dia desses me deparei com a iluminação ao nascer,

No abrir dos olhos alcancei o seu sorriso

Do colo da mãe passei para seus braços

Aquele rústico olhar iluminado

Feliz por me ter em seus abraços,

Idas e vindas dessa vida

No embalo e embaraço das adversidades, coisas que só a gente sabe...

É o tempo vem passeando com os horários

E seus fios de prata refletindo o cenário

Que tempo é bom, tempo é Dom

Dom de ter sua amizade

Dom de ter você por perto e isso é fato, não nego.

Preciso nem dizer que seu dia não é somente numa data específica

E sim recordar que por mim, sei que daria sua Vida,

Por isso agradeço por ser meu herói de todos os dias

Quando me pego a me cobrar por alguma notícia à minha mãe,

Que eu não quero partilhar

Pois é no seu ponto de vista que quero saber

Não como uma espécie de estrutura cultural ou padrão...

Mas sim como uma válvula propulsora que só os pais entendem

Sobre a ótica de um herói que mesmo longe

Correndo atrás do pão nosso de cada dia

Reservou tempo pra nos educar e dar alegria

Por isso estou aqui lhe contemplando com essa poesia,

Gratidão imensa por ser meu pai herói de todos os dias.

POEMA PRETO

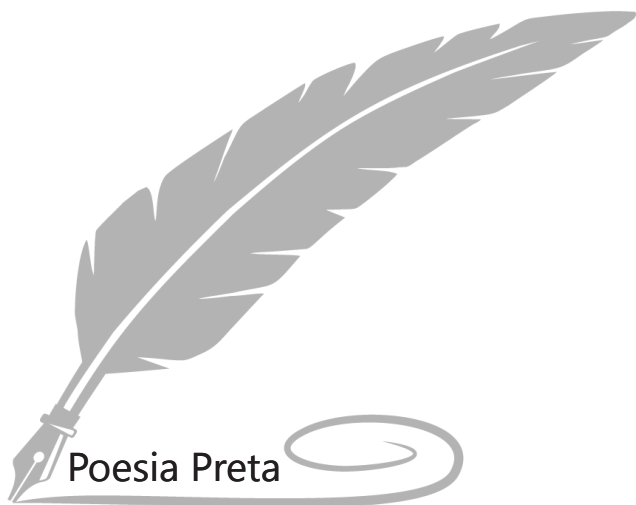
Meu Poema é preto
Levou um tiro
Morreu
Ele acordou às 5h da manhã
Andou 2km até a estação
Foi trabalhar, trabalhou muito
Na volta do trabalho
Levou um tiro
Morreu
Foi confundido com bandido
Não era branco
Não era político
Havia algo de estranho nisso.
Meu Poema quando nasceu
Já era homem
-Desde menino
Enfrentando a dor
Correndo risco
Aprendeu a se libertar
No ritmo, no samba
No atabaque era divino
Sempre trazia um asê.
Meu Poema era lindo
Tinha o brilho da noite
Tinha amor no sorriso
Mas nada disso adiantou
Meu Poema era preto
Andava pelo trilho
Se equilibrando em meio ao perigo
Levou um tiro
Apenas um tiro!
Morreu...

JOÃO BRASILEIRO

Lá vem João Brasileiro
Pelas ruas vendendo seu peixe
Ofertando de tudo um pouco
Quanto peso! Penso eu.
Torto, equilibrando todo tipo de mercadoria
Torto se equilibrando
Torto pelo peso
Ah se cada um observasse mais o peso alheio...
Imaginei um mundo de menores pesos, de pesos divididos
Que pesos haveria por trás daqueles gritos?
Comprei uma bala
Para aliviar o peso.



Nem a física muda minha mente
Mas minha fisionomia transformou seu raciocínio,
Sem fascínio!
Em um plano dimensional libertei arcanjos,
Hoje moram na minha cidade, são meus inquilinos!
Eles culpam o passado pelas lutas do presente, querendo
dádivas, que coisa inútil,
Meu querer virou poder, e hoje em dia eu liberto o ser hu-
mano deste casulo
Por quê pensam tanto?
O pensamento é a origem de seus atos
Quando li Atos dos Apóstolos, aposto que meus poros vira-
ram Polos!



Capítulo 4

Dengo



AMORTECER

Amor preto tece!

Amortece.

É rede, teia, é construção.

Traz consigo o denço, o cheiro, o afeto.

Preto é o amor que engrandece.

Dá colo, carinho, atenção.

Meu preto é assim,

Traz palavras deliciosas em sua boca,

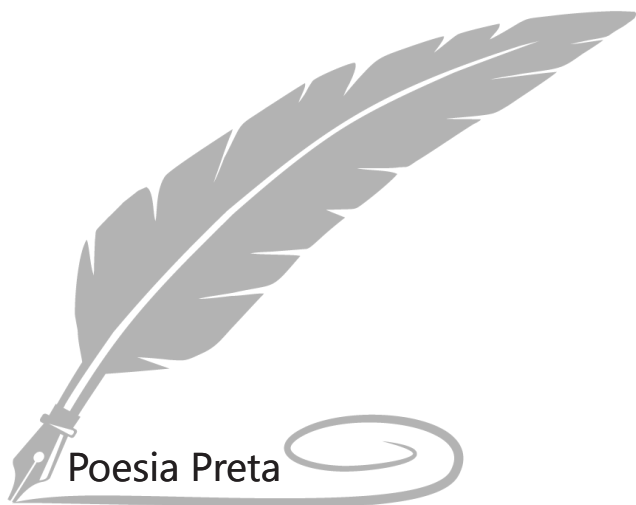
Em seu corpo ele é vulcão.

Esquentar, queimar, traz energia.

E também me orienta a não seguir mais em vão.

Amor, teia, muita atenção,

Amor preto também é reparação!



MULHER GUERREIRA

Ela tem o dom de amar
Um coração cheio de flor
Sua risada é tão gostosa
Outono e inverno em seu frescos
Ela tem o dom de se doar
E se anula sem perceber
Em altruísmo desmedido
Que existe dentro do seu ser
Ela tem o dom de questionar
Só acredita se duvidar
Inquietantes são seus pensamentos
Quem dera apenas por um momento
Viver para si e se lançar
Mas como a brisa do entardecer
Deus lhe toca a alma devagar
E lhe fortalece para viver, a vida inteira
De uma guerreira
Que nunca deixa de lutar.



Abrigo

Ele saiu do interior de um lugar confuso
Para se inventar
Nunca tentou ser um homem tradicional,
Não plantou árvores, nem escreveu um livro
Mas um dia conseguiu fazer um filho.
Mergulhou em contradições e se perdeu no nevoeiro
Das chaminés dos carros da Cidade.
Viu cores retorcidas e as viu em cinzas e prata.
Não aprendeu o jugo é quase criança, coração de cão
Felicidade faz suas trapalhadas, vive à sua maneira.
Não sabe se direcionar ou julgar.
É um mistério na verdade
Sabemos que ele quer
Se libertar de um umbigo e quer um abrigo.



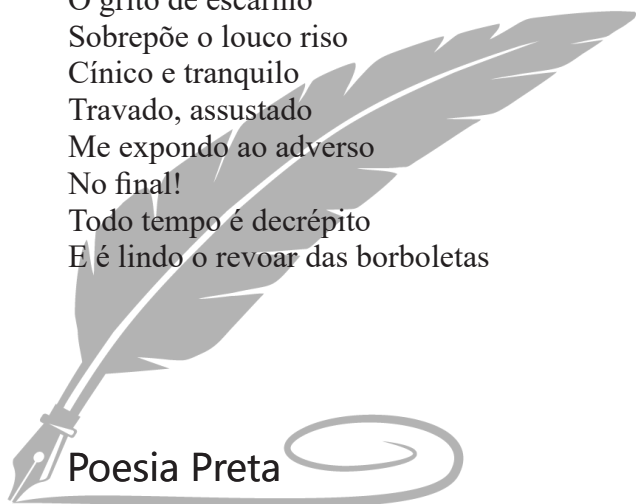
SUA VOZ

Quando sua voz canta
Em meus ouvidos
Meu corpo dança.
Quando sua voz sussurra
Em meus ouvidos
Meu cérebro capta
O imenso desejo de ficar ao seu lado.
Quando sua voz grita
Em meus ouvidos
Eu estremeço.
Quando sua voz me chama
Eu vou ao seu encontro



O REVOAR DAS PANAPANÃS

Eloquentes, sorridentes, efêmeros
Sabemos da morte vivente
A borboleta procura água
No fundo do poço
Mas só acha a loucura
A sede aguarda a chuva
Vem a nuvem, volta a chuva
Que não molha tanto como a baba
A saliva lasciva que escorre a anágua
Fico a vislumbrar a linda panapanã
Como outros cubro o rosto
A vergonha estampa-me a cara
Mas a mente distorce e crava
Na contra da ilusão que impôs Eros
A mão da ampulheta empunha a clava
Do delírio contido
Do beijo reprimo
Do roçar dos corpos
Da noite acesa
Do mel ao fel.
O grito de escárnio
Sobrepõe o louco riso
Cínico e tranquilo
Travado, assustado
Me expondo ao adverso
No final!
Todo tempo é decrépito
E é lindo o revoar das borboletas



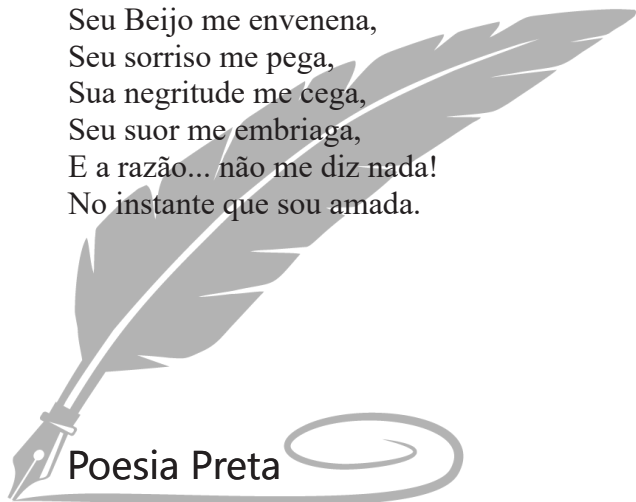
Emergências de Paz

Há tempos não escuto um: Bom dia!
Um sorriso,
Um abraço, um cumprimento de elogio.
Seria isso, seria eu ou nossa gente vazia?
Há tempos não recebo um elogio,
Um olhar de quem entende o desafio
É preciso abrir as portas pra libertar a trupe do bem,
Dos blocos, das Mangueiras, dos Tuiutis.
Abrir as asas,
Rebeldes cantando
E solidários gritos aos 7 ventos:
Ninguém larga a mão de ninguém.



MEU PRETO

Esse meu preto,
me tira do centro,
rouba meus movimentos,
com pensamento insanos,
destrói meus planos:
Pedra de tropeço,
me deixa do avesso,
me põe um vazio,
me deixa no cio,
me dá arrepio.
Por ele eu minto.
Perco o instituto.
Facilito, me complico, não me explico,
emudeço, embranqueço, enlouqueço.
Subo, desço, me confundo, me esclareço,
fico mórbida, entro em órbita, enfraqueço.
É que nem laço no seu traço,
Sua voz me condena,
Seu Beijo me envenena,
Seu sorriso me pega,
Sua negritude me cega,
Seu suor me embriaga,
E a razão... não me diz nada!
No instante que sou amada.



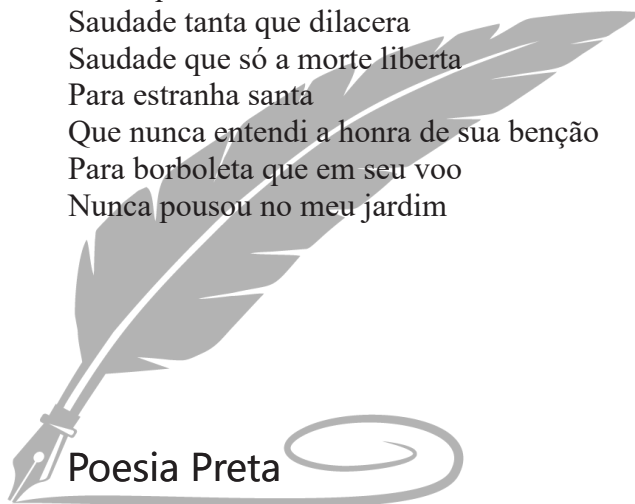
VIAGEM POÉTICA

Suavizei a vida
Poesias mil em cada astral
Numa bela viagem poética
Flutuando minha cabeça
Sobre o espaço cósmico, sou um pássaro
Voando alto, um astral.
Além de tudo que é meu
Que é teu
Que é ser
O ontem sou eu hoje...
Quebrando a rotina da estabilidade conjugal planetária com
o ser
Viagem sublime sobre pensamentos nítidos
Suavizei a vida.
Um astral...



TANTA SAUDADE

Saudade tanta
Que me causa dores
Saudades dos cantos
Dos prados, das flores
Das mãos dadas
Saudades dos meus amores
Queria voltar no tempo
Queria que não pesasse
Queria reter os prantos
Ai como queria tanto
Os beijos ,os sonhos
Os desejos
Ai como eu queria tanto
Seus lábios
Seu colo
Seu olhar
Seus beijos
Saudade tanta
Tanta que me desmancha
Saudade tanta que dilacera
Saudade que só a morte liberta
Para estranha santa
Que nunca entendi a honra de sua benção
Para borboleta que em seu voo
Nunca pousou no meu jardim

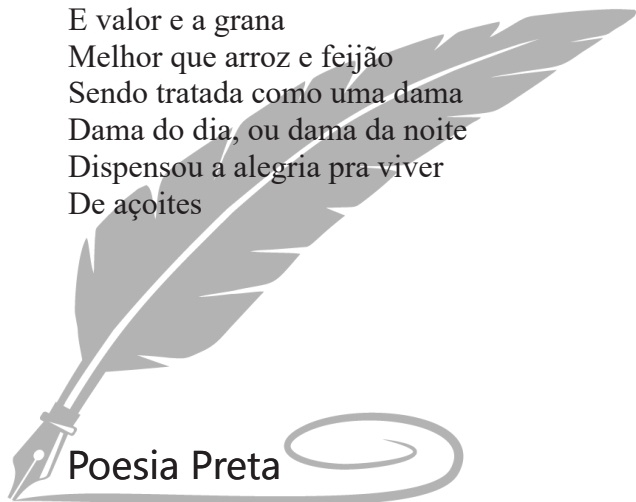


Chorei muito e as pétalas
Caíram sobre meu rosto e molharam
As flores



Poeticamente poético

Mente vazia
Corpo encharcado
Vindo de Andaluzia
Trânsito parado
No amor interesse
Meu cartão recusado
Se tivesse dinheiro
Estava acompanhado
Vida de aparência
Sem experiência
Amor carreira solo
Maldito o dia
Que a quis
ter em meu colo
Lhe dar carinho e atenção
Hoje vive perdida
Mulher sem razão
Que dispensa o gozo
De viver com emoção
Poeticamente poético
E valor e a grana
Melhor que arroz e feijão
Sendo tratada como uma dama
Dama do dia, ou dama da noite
Dispensou a alegria pra viver
De açoites



CONFUSO

Eterno, terno, interno,
austero, talvez subalterno
esmero, espero entre berros
Ver luz e sentimentos fraternos.
Latentes anseios martelos
No silêncio, um sorriso amarelo
Espero ver-te e servir como um terno
No dia do riso mais belo.
Confuso, o sentido enterro
Versos vis como as chamas de Nero
Me expresso dizendo o que quero
Sonhando cada sonho que zelo.
Veja bem, se não me entendes não importa
Nenhuma canção terá só uma nota
Pois mesmo onde o sentido “desbota”
A verdade alcançará sua porta.



DECIFRA-ME:

Embora não pareça, sou muralha!
Para você ter acesso ao outro lado
Não é preciso pular me, nem tão pouco
Procurar uma passagem, onde tenha porta à espera de alguma chave!
É preciso me contornar serenamente e ao dar voltas e voltas,
decida-me ter por perto
Como assim? Decifra-me!
Pois eu sou como água fresca que ao matar a sede,
Continuo a escorrer como veias e artérias a caminho do mar
De sentimentos bons e livres, contornando os obstáculos.
Me transformo em rios e cachoeiras,
É chegada a hora de aventurar-se,
Nesse imenso azul.
Como? Decifra-me
Quer vir pela manhã e observar a dica!
Olhe bem ao redor e perceba a maravilha do mistério,
Assista as árvores bailando ao som do vento.
Veja o primeiro voo do passarinho deixando pra sempre seu ninho.
Decida e decida todos os dias ter-me,
Mas antes que me possua, decifra-me!
Não sei se vou poder estar por perto sempre
Como um relógio preso ao pulso,
Pois o tempo segue sua fiel cartilha,
Mas tenha certeza que ao estar aqui, estarei por inteiro.
Pois metade de minha vida é dedicada a lhe agradecer
E a outra por ter você,
Sendo assim continuarei esse mergulho infinito. Decifra-me!
Como a luz faz com a escuridão
Ela clareia e trás transformação,
Isso é esplêndido mesmo sendo simples.
Estou ainda por aqui,
Te esperando venha por sua livre vontade e: DECIFRA-ME.

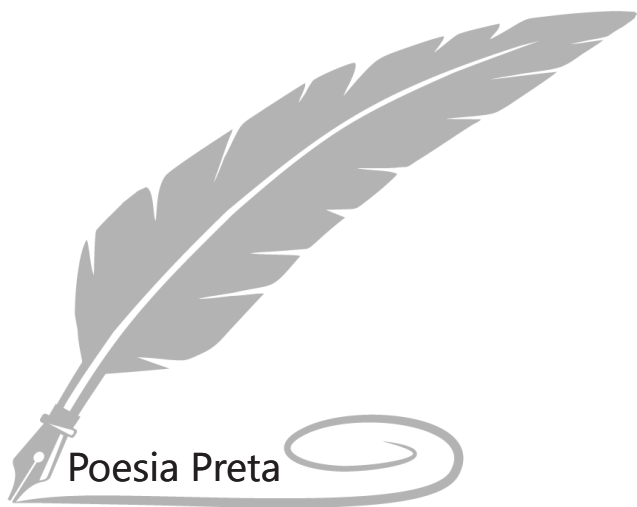
CHÁ DE SUMIÇO

Eu vou sumir por um tempo
Não me verás mais
No seu feed, nos status
E nem nos stories
Não vou mais te procurar
E nem mais te dar moles
Não vou sair mais com ninguém
Não vou fumar e nem beber
Sequer mais um gole
Não vou mais mendigar
O amor de ninguém



A POESIA PEDE PASSAGEM

A poesia pede passagem
Para entrar no seu corpo e usar o seu imaginário,
Liberando das suas entranhas
A interpretação de cada palavra dita.
A poesia pede passagem
Para penetrar lentamente na sua mente
E fixar o se instalar no seu cérebro...



Posfácio

Olá, Educador!

Para materializar o conceito de *pedagogia decolonial*, queremos que este livro seja utilizado por escolas, projetos sociais, centros culturais e etc. Por isso, deixaremos um “passo a passo” de como pensamos a utilização das poesias em salas de aula, rodas de conversa e redes de apoio.

Vamos lá!?

Passo 1 - Apresentação das poesias

88

Iremos apresentar uma poesia do livro *Poesia Preta: Poetas Negros da Zona Oeste*, chamada “*Dulce Mendes Vasconcellos*”, da poetisa Gicelli Cândido:

Dulce Mendes Vasconcellos

Dulce você é luz!
E essa luz irradia
A mais “Bela Energia”
Que uma luz pode emanar!
Do CEDICUN, a idealizadora!
Uma das principais fundadoras!
Além de nossa mentora!
Saiba que você é a primeira!
Encabeçando a fileira
De muitas outras mulheres, tais como você, guerreiras!
Nem nomes dessas citarei,
Para não deixar nenhuma esquecida
E ter alguma ressentida, se achando por mim preteridade!
Aprendemos contigo a caminhar nesta andança,
Com perseverança,
Sem desanimar!
Vidas Negras Importam!
Não calarão nossa voz!
Muita Gratidão, por nos conduzir no combate à discriminação!
Você é nossa Inspiração!

Gicelli Cândido

Passo 2 - Conceitos e pertencimento

89

Partimos, assim, da produção cultural realizada pela poetisa pertencente à Zona Oeste, valorizando e incentivando as narrativas de pessoas negras vinculadas ao território. Como recurso didático, destacamos alguns trechos da poesia relacionados à cultura negra da Zona Oeste e à questão racial e criamos boxes explicativos de forma a permitir a familiarização dos estudantes:

Quem é Dulce Mendes Vasconcellos?

A professora Dulce Mendes de Vasconcellos é uma destacada militante do Movimento Negro. Moradora em Campo Grande, na Zona Oeste do Rio, ela foi uma das fundadoras e primeira presidenta do Centro de Estudos e Divulgação das Culturas Negras (Cedicun).

Centro de Estudos e Divulgação das Culturas Negras?

O CEDICUN é uma das entidades filiadas ao COM-DEDINE – Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro – Órgão representativo que agrega toda uma rede de entidades combativas e atuantes do chamado Movimento Negro. Atualmente, tem a sua sede em Campo Grande e organiza atividades culturais no território.

Vidas Negras Importam?

Tradução de *Black Lives Matter*. O Movimento surgiu em 2020 - após o assassinato de George Floyd nos Estados Unidos por um policial - que comoveu o mundo inteiro, inclusive os brasileiros que se identificaram com os abusos sofridos pela polícia brasileira e entraram na onda de manifestações contra o genocídio da população preta no país.

No exemplo acima, os trechos destacados nos bo-

xes explicativos remetem sujeitos e espaços de luta nascidos e liderados pessoas atuantes nos movimentos negros. É possível perceber o enaltecimento da professora Dulce Mendes de Vasconcellos. Militante do Movimento Negro, moradora de Campo Grande, na Zona Oeste do Rio, Dulce foi uma das fundadoras e primeira presidente do Centro de Estudos e Divulgação das Culturas Negras (Cedicun), entidade que funciona naquele bairro, atualmente está sob a presidência do poeta Sérgio Alves. Dulce preside ainda o Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro, entidade criada com o objetivo de incorporar à rotina administrativa da cidade do Rio de Janeiro políticas públicas voltadas para o fortalecimento da igualdade racial (REIS, 2014).

Outro destaque importante a ser trabalhado com os estudantes é a frase “*Vidas Negras Importam*” - tradução de *Black Lives Matter*. O Movimento surgiu em 2020 após o assassinato de George Floyd, cidadão negro norte-americano, por um policial branco. O assassinato por sufocamento comoveu o mundo inteiro, inclusive os brasileiros que se identificaram com os abusos sofridos pela polícia brasileira e entraram na onda de manifestações contra o genocídio da população preta no país.

Passo 3 - Elaboração do Mapa dos Movimentos Periféricos:

91

Como atividade final da sequência didática, propomos que os alunos elaborem um mapa com os movimentos periféricos, coletivos e instituições dos seus territórios:

Campo Grande: Coletivo Negro Waldir Onofre

Bangu: Festival de Música e Cultura de Rua de Bangu

Inhoaíba: Filhos da Rua

Zona Oeste: Zona Oeste Sem Fome

Zona Oeste: CEDICUN

Posteriormente, podemos pedir para que os alunos construam poesias, rimas, músicas, ou quaisquer outras manifestações artísticas relacionadas aos coletivos pesquisados:

“Zona Oeste Sem Fome

Sem fome de quê?

Sem fome de tudo!”

Ingrid Nascimento

“Aqui onde se planta conhecimento dá

Tá nas páginas dos Filhos da Rua

Até a Cultura em Bangu

Passando pela poesia do Rio da Prata

De resistência do CEDICUN

Fome esta que Waldir Onofre devora

Nos olhos de cada um”

Thiago Mathias - Poeta Dife

Esta metodologia incentiva os estudantes a buscarem soluções para as problemáticas sociais que passam, elaborando agendas locais e criando redes de apoio. O poema pode trazer familiarização para os alunos da Zona Oeste no espaço escolar, incentivando a pesquisa, por se tratar de movimentos periféricos com fácil acesso e ativo até os dias de hoje no território. Lembre-se: este é apenas um exemplo, sintase livre para construir sua própria metodologia pedagógica. Contudo, queremos agradecer a leitura afetiva do nosso livro feito por poetas, militantes, educadores e entusiastas da escrita preta e periférica.

Coletivo Negro Waldir Onofre

Referências bibliográficas:

BLOG SARAVÁ CULTURAL. **Inscrições para o Poesia Preta: Poetas Negros (as) da Zona Oeste**. 2022. Disponível em: <https://saravaculturalptrj.blog/2022/03/25/inscricoes-abertas-para-poesia-preta-poetas-negros-da-zona-oeste/>. Acesso em: 25 set. 2022.

BRASIL. Lei n.10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro- Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

CAMPOS, Andreelino. **Do Quilombo à Favela: a produção do espaço “criminalizado” no Rio de Janeiro** - 5ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 19.

CONEXÃO ZONA OESTE. **Conexão Artística - CEDICUN**. 2020. Disponível em: <https://czorj.blogspot.com/2020/05/conexao-artistica-cedicun.html>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 66. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FULGENCIO, Edivan de Oliveira. **Mobilizações coletivas**



de Campo Grande, RJ, do direito à cidade à utopia antipcapitalista global. 2020, p. 135. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Tecnologia e Ciências Instituto de Geografia, Rio de Janeiro, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação** - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 31.

GONÇALVES, Juliana. **O que afasta crianças e adolescentes negros da escola.** 2014. Disponível em: https://www.geledes.org.br/o-que-afasta-criancas-e-adolescentes-negros-da-escola/?gclid=Cj0KCQjwjvaYBhDlARISAO8PkE3ar3_lzqw5e1yrcDrTi-WKraJYSuuXJCgx20E-gOA26pFjEx8oiL0YaAhR_EALw_wcB. Acesso em: 20 set. 2022.

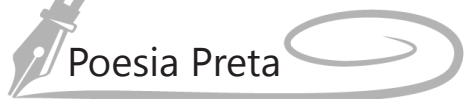
GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e o pensamento afrodiaspórico.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 10.

IBGE. Estudos e Pesquisas - Informações demográficas socioeconômicas. **Desigualdades por cor e raça no Brasil**, nº 41, 2019.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS. **Data Rio.** Disponível em: <https://www.data.rio/documents/7a609089e2254154a1c154c198671782/explore>. Acesso em: 25 set. 2022.

INSTITUTO RIO. **Sobre a Zona Oeste.** Disponível em: http://www.institutorio.org.br/sobre_a_zona_oeste. Acesso em: 25 set. 2022.

MOREIRA, Fernando de Souza. **“Vulnerabilidade socioambiental na Área de Planejamento 5 na Zona Oeste**



do município do Rio de Janeiro”. 2015, p. 89.

PIRES, Breiller. **“Vidas negras importam” chacoalha brasileiros entorpecidos pela rotina de violência racista**. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/vidas-negras-importam-chacoalha-parcela-de-brasileiros-entorpecida-pela-rotina-de-violencia-racista.html>. Acesso em: 20 set. 2022.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes. **Pedagogia Decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**. 2010, p. 23.

REIS, Renato. **O dia para refletir: liderança do Movimento Negro discute a passagem do 13 de maio, data que ainda desperta controvérsias**. 2014. Disponível em: <http://arquivo.jornalatual.com.br/2014/05/o-dia-e-para-refletir/>. Acesso em: 25 set. 2022.





COLETIVO NEGRO
Waldir Onofre

FOA

FOMENTO À CULTURA CARIOCA



**POETAS NEGROS
DA ZONA OESTE**

*Quanta alegria nos trás o coletivo Waldir Onofre!
Este encontro de pessoas sensíveis às causas Negras nos faz
sentir a pulsação do nosso pai, que em vida foi aguerrido e
apaixonado pelo seu povo. Aquece nossos corações ao perceber
que, de alguma forma, ele VIVE!
Que haja fôlego e determinação, mesmo em tempos de cólera,
para seguir um legado de reconhecimento, valorização, respeito e
amor ao povo negro suburbano.*

Waldir Onofre, PRESENTE!!!

Lelette Coutto,

Professora de teatro e música e diretora de espetáculos.

*O coletivo Waldir Onofre nasceu no momento efervescente da luta
contra o racismo institucionalizado no Brasil. Há desigualdade em
toda área econômica sócio cultural, e o coletivo ergue a voz como
Waldir nunca perdeu a oportunidade de fazê-lo. Onofre tinha vida
midiática pautada em reivindicar melhores condições de vida
para afrodescendentes na área cultural se estendendo para áreas
da economia com grau elevado de desigualdade social atingindo
diretamente os Negros e Negras deste país com a maior
concentração de afros depois da África. Nós, filho e filhas de
Waldir Onofre sentimos grande lisonja pelo carinhoso apreço!*

Carlos Onofre,

Bacharel em cinema e audiovisual.



FOMENTO:



CULTURA

REALIZAÇÃO:



COLETIVO NEGRO

Waldir Onofre

Poetas e territórios contemplados
pelo projeto Poesia Preta: poetas
negros(as) da Zona Oeste:

Stella Santos - Santa Cruz
Hugo Brasileiro - Vila Kennedy
Jerônimo Campos - Jardim Novo
Bruno Black - Comunidade do Fumacê
Paula Ferraz - Comunidade do 77
Anderson Mendonça - Campo Grande
Mano Shyn - Vila Kennedy
Duguebá - Paciência
Elaine Marcelina - Campo Grande
Preta Poética - Santíssimo
Carla Africana - Carobinha
Eider Zen - Recreio
Gigi Abayomi - Santa Cruz
Luiz Cláudio - Boa Esperança 2
Leandro de Araújo - Boa Esperança 1
Marcelo Saci - Bangu
Leandra Nel - Nova Guaratiba
Paulinha Machado - Santa Cruz
Carmen Paixão - Campo Grande
Jonathan Raymundo - Jardim Novo
Alice Alves - Quilombo Dona Bilina
Tais Espírito Santo - São Cláudio
Diretor - Inhoaíba
Edgard Negão - Vila Kennedy
Carlos Rapper - Gardênia Azul
B.Ma-k-lé - Guaratiba
Nelson Jesus - Bangu
Cleiton Chagas - Santa Margarida
Silvana Ayres - Magalhães Bastos
Sheila Martins - Bangu



POETAS NEGROS
DA ZONA OESTE

Quanta alegria nos trás o coletivo Waldir Onofre!

Este encontro de pessoas sensíveis às causas Negras nos faz sentir a pulsação do nosso pai, que em vida foi aguerrido e apaixonado pelo seu povo. Aquece nossos corações ao perceber que, de alguma forma, ele VIVE!

Que haja fôlego e determinação, mesmo em tempos de cólera, para seguir um legado de reconhecimento, valorização, respeito e amor ao povo negro suburbano.

Waldir Onofre, PRESENTE!!!

Lelette Coutto,

Professora de teatro e música e diretora de espetáculos.

O coletivo Waldir Onofre nasceu no momento efervescente da luta contra o racismo institucionalizado no Brasil. Há desigualdade em toda área econômica sócio cultural, e o coletivo ergue a voz como Waldir nunca perdeu a oportunidade de fazê-lo. Onofre tinha vida midiática pautada em reivindicar melhores condições de vida para afrodescendentes na área cultural se estendendo para áreas da economia com grau elevado de desigualdade social atingindo diretamente os Negros e Negras deste país com a maior concentração de afros depois da África. Nós, filho e filhas de Waldir Onofre sentimos grande lisonja pelo carinhoso apreço!

Carlos Onofre,

Bacharel em cinema e audiovisual.



FOMENTO:



CULTURA

REALIZAÇÃO:



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO E SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA APRESENTAM:

Poesia P R E T A

**POETAS NEGROS
DA ZONA OESTE**

Organização

Ingrid Nascimento, Thiago Mathias, Sérgio Alves



Ingrid Nascimento

Mobilizadora Social, Historiadora pela
FEUC, Pós-graduada Ciências
Sociais e Educação Básica pelo PROP-
GPEC - Colégio Pedro II.



Sérgio Alves

Poeta, Animador Cultural do Ciep Bri-
gadeiro 165 Sérgio Carvalho, Jornalista
pela Faculdade de Comunicação Social
da SUAM.



Thiago Mathias (Poeta Dife)

Arte Educador, Produtor Cultural, His-
toriador pela UERJ.